

Sempre teremos Buenos Aires

Encerrado no domingo, o BAFICI deixa um legado de experimentos poéticos para o circuito

BAFICI
BUENOS AIRES FESTIVAL INTERNACIONAL DE
CINE INDEPENDIENTE

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Sempre lotado, mesmo nas exibições às raias do crepúsculo de produções experimentais, o BAFICI – Festival Internacional de Buenos Aires provou a Javier Milei que a cultura vence o obscurantismo das políticas conservadoras quando celebra a diversidade e a aceitação. Javier Porta Fouz, um dos curadores da maratona portenha, trouxe pérolas do mundo todo para sua grade de 327 títulos, cavando espaços nobres para o Brasil. Grace Passô saiu de lá consagrada com seu “Nosso Segredo”, que passou antes na Berlinale. Outros cantos do planeta também se refestelaram nas telonas da Argentina, de 16 a 26 deste mês. Agora, é a hora do inventário. É momento de balanço. Confira alguns dos títulos que mais se destacaram na mirada crítica de nuestros hermanos.

YEGUA, de Virginia Scaro (Argentina): Um estudo delicado sobre culpa. Na trama, um homem bêbado enfrenta outro após uma traição e acaba caindo no chão. Enquanto isso, sua égua se solta, atravessa a vila e sobe a montanha. Entre cercas e outros cavalos, algo parece abrir a possibilidade de mudar o curso daquela história... quiçá de todo um povo.

MY WIFE CRIES (Meine Frau weint), de Angela Schanelec: Exibido em competição pelo Urso de Ouro, este estudo sobre incomunicabilidade discute o que os mitos deixaram de legado ao humano na forma com que enquadra a exasperação afetiva, a satisfação inalcançável. Agathe Bonitzer e Vladimir Vulevic



Orfão



Turistas



Yegua



Nova 78

se tomaram testemunhas vivas do processo semiótico da diretora alemã ao interpretarem um casal em ruínas.

O REI DA INTERNET, de Fabrício Bittar (Brasil): Imagine um “Prenda-me Se For Capaz” nacional – com picardia, com nudez, com montagem nevrálgica. Sua imaginação se concretiza nesta joia. Eis um potencial blockbuster brasileiro, de montagem febril, que buscou se notabilizar no exterior. Com ar de Selton Mello, João Guilherme revive a saga de um adolescente que virou um dos maiores hackers do Brasil e integrou uma organização criminosa movida a milhões de reais até ser alvo de uma operação da Polícia Federal — tudo isso antes de completar 17 anos. Miguel Nader é o destaque do elenco, no papel de um segurança casca-grossa.

ESE NIÑO DE LA FOTOGRAFÍA. CARLOS SAURA,

de Anna Saura (Espanha): Sintonizado com a celebração póstuma das sete décadas de estreia do espanhol Carlos Saura (1932–2023) na realização, o 27.º BAFICI abriu espaço na sua programação para um ensaio documental sobre esse artesão autoral, consagrado sobretudo por

“Cría Cuervos” (1976). Fruto da relação do cineasta com a atriz Eulalia Ramón, Anna Saura não deixa que a saudade comprometa a sua objetividade num .doc “álbum de família”, cuja premissa é cartografar um artista central para a construção de uma ideia moderna de Espanha.

FORÊT IVRE, de Manon Coubia (Bélgica): O exercício autoral mais recente da diretora de “La Plenitud De Los Tiempos” (2016) se passa nos Alpes, onde Anne, Hélène e Suzanne se revezam para cuidar de um refúgio de montanha. Ao longo das estações, os excursionistas chegam e partem. As histó-

Divulgação

Divulgação

Divulgação

Divulgação